

## Programa CAPES-PrInt: uma análise da dinâmica centro-periferia na produção científica

### RESUMO

Instituído em 2017, o programa CAPES-PrInt busca construir redes e parcerias entre universidades brasileiras e estrangeiras para fortalecimento institucional da internacionalização da ciência brasileira. O presente artigo objetiva apresentar as perspectivas valorativas e institucionais de atores envolvidos com o PrInt, membros ou ex-membros dos comitês gestores de universidades, no total de oito entrevistados. Também foi realizada entrevista com dois ex-bolsistas da CAPES e coletados documentos sobre o programa. A pesquisa concluiu que a internacionalização é vista como mecanismo de cooperação mútua e compartilhamento de conhecimentos, com ganhos maiores para as equipes consideradas periféricas no seu contato com os “centros”. Na estratificação centro-periferia, os centros são vistos como locais de excelência, produtividade, empreendedorismo, circulação efervescente de pessoas, tecnologias e descobertas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia da Ciência. Internacionalização da Ciência. Programa CAPES-PrInt. Ciência, Tecnologia e Sociedade.

**Daniela Alves Alves**

Universidade Federal de Viçosa  
(UFV), Viçosa, Minas Gerais,  
Brasil  
[danielaa.alves@ufv.br](mailto:danielaa.alves@ufv.br)

**Thiago Henrique Rodrigues**

Universidade Federal de Viçosa  
(UFV), Viçosa, Minas Gerais,  
Brasil  
[thiago.h.rodrigues@ufv.br](mailto:thiago.h.rodrigues@ufv.br)

**Enilson Mitunaga Junior**

Universidade Federal de Viçosa  
(UFV), Viçosa, Minas Gerais,  
Brasil  
[enilson.junior@ufv.br](mailto:enilson.junior@ufv.br)

**Victor Luiz Alves Mourão**

Universidade Federal de Viçosa  
(UFV), Viçosa, Minas Gerais,  
Brasil  
[vmourao@ufv.br](mailto:vmourao@ufv.br)

## INTRODUÇÃO

A presença estrangeira na comunidade científica nacional remonta à constituição das universidades brasileiras, acompanha seu desenvolvimento e atua ainda hoje, com a implantação de modelos de gestão e organização internacionais, detém influência em projetos político-pedagógicos, estratégias de ensino e estabelecimento de acordos de cooperação técnica e pessoal (Oliveira, 2019; Schwartzman, 2001). Sob o constante contato com o exterior e seus instrumentos de prática universitária, percebidos como necessários para modernizar e sofisticar o ensino superior, entende-se o desejo e o empreendimento de internacionalizar a produção científica brasileira.

A necessidade de programas de pós-graduação e grupos de pesquisa manterem conexões internacionais é tida como uma condição fundamental para o desenvolvimento acadêmico brasileiro. A internacionalização torna-se métrica de excelência e qualidade científica, com a avaliação da pós-graduação da CAPES atribuindo maior nota aos programas com redes de pesquisa estrangeiras (Alves e Baumgarten, 2021). Embora o ensino superior brasileiro sempre tenha estado conectado com as tendências mundiais, observa-se que a necessidade de promover políticas estruturadas de internacionalização é uma marca recente na história da ciência brasileira<sup>1</sup>.

A implementação de programas como o extinto Ciências Sem Fronteiras (CsF) e seu sucessor, o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt), são expressões recentes de institucionalizar as práticas internacionalizadas de produção acadêmica brasileira. O encerramento do CsF ensejou críticas às insuficiências do programa, destacando o foco excessivo na graduação e na mobilidade de saída individual em detrimento à construção de vínculos institucionais sólidos com o exterior. O CAPES-PrInt emerge nesse contexto, como tentativa de superar as problemáticas do CsF e preencher a lacuna de uma política de internacionalização (Oliveira, 2019), superando as iniciativas individuais e fragmentadas do Projeto Ciência Sem Fronteiras (Leão; Nogueira; Castro, 2024).

Oficializado pelo edital CAPES/PRINT 41/2017, o programa busca atender os seguintes objetivos: (1) Fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização; (2) Estimular a formação de redes de pesquisas internacionais, com vistas a aprimorar a qualidade da produção acadêmica; (3) Ampliar as ações de apoio à internacionalização na pós-graduação das instituições contempladas; (4) Promover a mobilidade de docentes e discentes; (5) Fomentar a transformação das instituições participantes em um ambiente internacional; e (6) Integrar outras ações de fomento da CAPES ao esforço de internacionalização (BRASIL, 2017). Inicialmente, selecionou-se 36 instituições de ensino superior para participar do programa, todas elas com algum histórico prévio de internacionalização. Assim, o CAPES-PrInt começou a ser executado em 2018, buscando fomentar a construção, implementação e consolidação de planos estratégicos de internacionalização, estabelecendo redes de pesquisa internacionais com o objetivo de melhorar a produção acadêmica da pós-graduação, especialmente entre os programas considerados de excelência (aqueles com avaliação CAPES acima de nota 5). Essas características ensejaram uma das críticas mais frequentes ao programa, encontrada na literatura, do não atendimento à integralidade dos programas do Sistema Nacional de Pós-

graduação, fomentando, ao contrário, assimetrias internas ao próprio sistema (Leão; Nogueira; Castro, 2024).

As justificativas para a implementação de políticas de internacionalização da pesquisa e do ensino superior estão relacionadas aos objetivos do compartilhamento de conhecimentos tecnocientíficos e à construção de um espaço coletivo intercultural marcado pelo encontro de diferentes identidades. A internacionalização do ensino superior é vista como capaz de promover o encontro democrático e horizontal no compartilhamento de conhecimentos locais, contribuindo para a formação de cidadãos globais (Morosini, 2019).

O presente artigo parte do pressuposto de que o fazer científico ultrapassa a mera descrição contemplativa da realidade concreta e subjetiva do mundo, atentando-se para os condicionantes sociopolíticos que influenciam a prática científica (Premevida; Neves; Almeida, 2011). Entender as diferenças na produção, circulação e legitimação dentro do sistema científico implica em perguntar o quê se pesquisa, como se pesquisa, onde se pesquisa, quando se pesquisa e com quem se pesquisa. Desse modo, nossa análise se debruçará sobre a experiência do CAPES-PrInt, considerando as noções e a tensão entre centro-periferia na ciência, em sua dinâmica processual.

Os processos de centralização e periferação são aqui analisados em termos fenomenológicos, estabelecendo valorações e expectativas dos contextos, sempre relacionais (Neves, 2020; Ferreira, 2019). Os conhecimentos centralizados tendem à universalização, sendo vistos positivamente, autenticados e validados pelo amplo grau de circulação, enquanto os conhecimentos periféricos são delimitados pela localidade, negativamente valorados e avaliados devido ao seu baixo grau de circulação.

Os valores hierárquicos na ciência advém também das expectativas construídas cotidianamente e subjetivamente pelos cientistas, de modo que centro e periferia são identidades para além dos limites geográficos. Os elementos que garantem a construção do prestígio, valorando positivamente o conhecimento, como os índices de impacto em revistas, rankings universitários, premiações por descobertas e reconhecimento de instituições de excelência não devem ser vistos como mensuração objetiva do conhecimento (Bourdieu, 2004). Ao contrário, são formas de distinção que orientam práticas, moldam imaginários e influenciam na distribuição de prestígio no campo científico.

Os estudos sobre a dualidade centro-periferia e as políticas de internacionalização têm sido temas centrais na análise das dinâmicas acadêmicas contemporâneas. Este estudo busca compreender como esses elementos são discursivamente articulados pelos membros dos comitês gestores de universidades participantes do programa CAPES-PrInt (USP, UFC, UFSC, UNB, UFV).

Adicionalmente, busca-se compreender como o prestígio da ciência central “centraliza”, por assim dizer, a ciência periférica que se moderniza ao entrar em contato com técnicas, métodos e epistemologias ditas atualizadas (Keim, 2010).

## METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida a partir de um conjunto articulado de fontes documentais e entrevistas. O estudo contemplou cinco universidades participantes do CAPES-PrInt — Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade de São Paulo (USP). A seleção dessas instituições considerou sua relevância regional, a disponibilidade de dados institucionais para análise, a diversidade de eixos temáticos e projetos vinculados ao programa e a disposição de gestores, técnicos e membros dos comitês em participar das entrevistas.

O material empírico reúne relatórios técnicos, editais, portarias, manuais e projetos institucionais de internacionalização, além de entrevistas semiestruturadas realizadas com os presidentes dos comitês gestores das cinco universidades e com uma ex-assessorada CAPES. As entrevistas seguiram um roteiro abrangendo temas como a finalidade da internacionalização científica, os principais desafios da política, as vantagens e limitações do CAPES-PrInt, os efeitos esperados para as instituições e a execução dos projetos, incluindo questões relacionadas a cortes orçamentários e ao remanejamento de recursos.

Cabe destacar que, conforme estabelece o Edital nº 41/2017, o Comitê Gestor do Projeto Institucional de Internacionalização deve ser formado por docentes permanentes de programas de pós-graduação *stricto sensu*, com experiência internacional, liderança acadêmica nas áreas prioritárias definidas pela instituição e participação de ao menos um membro estrangeiro vinculado a uma universidade no exterior. Cabe destacar que um dos membros do comitê gestor é o Pró-Reitor de Pesquisa, ou equivalente. Em estudo anterior mostramos que os membros do comitê gestor são recrutados ou nas áreas de conhecimento dos programas melhores avaliados na CAPES ou nas áreas de maior prestígio institucional (Alves; Mourão, 2024).

Para a análise dos dados, utilizou-se o software NVivo®, que possibilitou organizar e categorizar de forma sistemática tanto o material documental quanto as entrevistas, permitindo identificar padrões e relações entre os conteúdos. A abordagem adotada privilegia as entrevistas como fonte central, uma vez que buscamos compreender os sentidos e valores atribuídos pelos atores envolvidos ao processo de internacionalização e às dinâmicas instauradas pelo CAPES-PrInt. Entrevistamos atores centrais e ativos dos comitês gestores das instituições.

## **CENTROS E PERIFERIAS NA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA**

A Sociologia da Ciência consolidou-se no século XX com a crítica à posição da ciência moderna enquanto autoridade incontestada, autônoma e incólume às circunstâncias e contextualidades político-históricas-sociais, minando os princípios da universalidade e imparcialidade supostamente intrínsecos ao fazer científico. Ao deslocar o foco do interesse das dimensões exclusivamente cognitivas do conhecimento, para compreender as relações do conhecimento com dimensões oriundas de outras esferas sociais, a sociologia da ciência reinterpreta a produção, circulação e avaliação de conhecimento sob a luz de estruturas sociais, sistemas de pensamento e crenças muitas vezes tácitas na atividade científica. O construtivismo, a relatividade e o contexto social balizaram a formação dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT) na década de 1970, dando novos contornos e contribuições à compreensão das dinâmicas entre ciência, tecnologia e sociedade.

A partir do Programa Forte de Sociologia, proposto por David Bloor (2009), ao denotar a ciência enquanto constructo social, busca-se entender as condições

e circunstâncias nas quais e pelas quais os conhecimentos são classificados em “verdadeiro” e “falso”, ao mesmo tempo que se passou a considerar a indissociabilidade entre o contexto e a produção do conteúdo. O conhecimento é aquilo que tem aprovação coletiva, diferente das crenças individuais e idiossincráticas.

A produção, circulação, validação e estabelecimento de critérios de verdades e consensos na ciência vincula-se a jogos de interesses de diferentes grupos (Premebida; Neves; Almeida, 2011). A questão fundamental, portanto, reside em analisar os condicionantes sociais e as diferentes contextualidades presentes na ciência, evidenciando possíveis disputas e hierarquizações na prática científica.

A diferenciação centro-periferia no campo sociológico brasileiro de estudos sobre ciência, tecnologia e sociedade tem nas suas raízes originárias a análise da condição periférica da ciência nacional e seu contato com o exterior que “[...] foram inflacionados em temáticas como ciência e desenvolvimento, dependência tecnológica, ciência e estado, ciência e economia, ciencimetria, entre outras” (Neves, 2009, p. 228).

Tal perspectiva buscou analisar as diferenças da comunidade científica sob o prisma da hierarquia material, pela crítica à dinâmica capitalista e sua consequente relação de dependência econômica-cognitiva, ao imperialismo político, colonialismo e eurocentrismo.

O atravessamento da relação centro-periferia na produção, circulação e validação do conhecimento científico é predominantemente pensado via diferenças de infraestrutura material, ao acesso a recursos e tecnologias, financiamento, organização e planejamento dos institutos de ensino e pesquisa.

Mantendo a posição crítica, mas buscando uma perspectiva mais sensível a processos de articulação entre exterior e interior, é possível interpretar a condição da ciência periférica e as hierarquias acadêmicas mundiais como enredadas não apenas por condições externas, mas também por elementos internos que orientam o país para o exterior (Hountondji, 1990). É nessa linha que Breno Bringel e José Maurício Domingues (2015) operacionalizam os conceitos de extroversão (variáveis internas) e dependência (variáveis externas) para analisar a produção de teoria social periférica.

A autonomia do campo científico-intelectual, essa capacidade de instituir parâmetros e lógicas internas próprias, torna-se exercício de difícil realização em países periféricos e semiperiféricos (Bringel; Domingues, 2015). A consequência desse processo recai na dependência material, e também cognitiva, com a recepção e utilização de teorias, métodos e técnicas — objetos subordinantes — que, mesmo alterados quando assimiladas no contexto periférico, tem sua origem e possibilitam concatenar interesses científicos, políticos e econômicos estabelecidos no centro (Medina, 2013a; 2013b).

A relação dos centros com as periferias dentro da dinâmica da ciência e tecnologia é potencialmente de influenciar linhas de pesquisa e métodos, atribuindo valor e autoridade diferencial ao conhecimento produzido centralmente, num processo implícito de seleção desigualmente conduzido do que tem ou não importância para a comunidade científica. O “modelo da comunidade central de ciência”, termo cunhado por Dasgupta (2016), capta justamente a persistência da imagem científica padrão que nos vem à mente: pensar em ciência consiste em pensar nos centros, leia-se Europa e Estados Unidos, associando-os à descoberta e inovação constantes.

As hierarquias do sistema científico concretizam-se de várias maneiras, inclusive aquelas tidas como mais “objetivas”, como as métricas identificatórias de excelência e relevância presentes nos índices cientométricos de impacto de revistas, rankings universitários e premiações. Tais marcadores simbólicos, (retro)alimentando as dinâmicas de prestígio científico e construindo um Efeito Mateus geopoliticamente determinado (Merton, 2013), redundam na concentração material de recursos e tecnologia dos centros. Forças simbólicas e materiais interpõem-se num ciclo vicioso, de modo que infraestrutura resulta em excelência, e excelência resulta em infraestrutura, exacerbando estratificações e hierarquias existentes (Amsler; Bolsmann, 2012).

Percebe-se, portanto, que as decisões executadas pelos cientistas ao longo das pesquisas relacionam-se constantemente com projeção futura de potenciais críticas ou elogios dos pares, denotando a precariedade do ideal de parcialidade científica da separação sólida entre produção de conhecimento e validação. No mundo científico, quem legitima os resultados também participa do processo de produção, ao passo de que a competição instaurada por recursos e prestígio não pode decorrer numa crítica completamente objetiva e independente (Knorr-Cetina, 1981). As regras tácitas de validação estabelecidas na comunidade científica balizam a conduta e interferem na produção do conhecimento ao ligar-se às expectativas que precisam ser cumpridas.

Outra expressão diferenciadora entre centro e periferia cristaliza-se na divisão internacional do trabalho científico, com a clássica oposição entre trabalho manual e intelectual, ou trabalho teórico e empírico. Debruçando-se sobre as redes internacionais de produção do conhecimento, Sandra Calkins (2021, p. 5) argumenta que os projetos de colaboração científica Norte-Sul “[...] são normalmente dirigidos por investigadores principais de países ricos que recebem os fundos e definem a agenda, enquanto as instituições do Sul global normalmente são sócios minoritários, consignados para ‘aplicação’ ou coleta de dados”. Em termos simbólicos e fenomenológicos, os processos de centralização caracterizam-se pela valorização positiva das técnicas, métodos e conhecimentos produzidos, esperando-se boa circulação e avaliação dos pares, atingindo grau de universalidade e estabelecendo-se enquanto meta para as periferias. Por outro lado, os processos de periferização marcam-se pelo espelhamento e pelo constante sentimento de insuficiência e irrealização, atribuindo-se valor negativo ao que é feito, como é feito e ao baixo impacto de circulação do conhecimento produzido (Ferreira, 2019; Neves, 2014; 2020).

A cisão centro-periferia na produção de ciência e tecnologia atua como elemento comparativo e hierarquizador na medida em que toda pesquisa coloca-se, invariavelmente, em relação valorativa com outras. A posição ocupada é sempre relativa, perpassando-se por códigos simbólicos como “ciência de ponta/ciência atrasada”, “pouco recurso/muito recurso”, “burocracia/eficiência”, “baixo impacto/alto impacto”, “pesquisa exploratória/pesquisa convencional”, “conhecimento válido/conhecimento não válido” (Neves, 2014).

A sensação de insignificância periférica estrutura os processos na lógica denominada por Fabrício Monteiro Neves (2014) como regime de administração da irrelevância, isto é, a rotinização de nossa autoatribuição negativa face ao centro. Envolve elementos como sentimento de atraso, seja em agendas de pesquisa ou inovação, necessidade de adesão às tendências de pesquisa do exterior ou sensação de isolamento e baixa importância das pesquisas, além de

intercâmbio de pesquisadores movidos pelo viés da modernização. Outra dimensão a ser considerada é a crescente internacionalização das universidades dentro de uma perspectiva de Universidade de Classe Mundial, que propõe agregar valores econômicos e de mercado à pesquisa pública e às universidades (Leão; Nogueira; Castro, 2024).

Numa perspectiva não muito distante, Mariana Toledo Ferreira (2019) pensa a ciência periférica em termos de falta, traçando as expectativas e avaliações dos contextos locais, mormente interessados em encontrar o centro para preencher as lacunas de sua ciência. A dimensão da falta abarca a busca pelos conhecimentos e práticas produzidas no centro, suas técnicas e tecnologias de pesquisa, seus eficientes arranjos organizacionais-burocráticos de gestão acadêmica e a grande infraestrutura e financiamento envolvidos.

Tal movimento analítico esquiva-se de essencialismos geográficos e territoriais, ao propor que as condições periférica e central ultrapassem a fixidez determinista de países e pesquisadores, tornando-se um critério relacional. É uma questão de perspectiva: centros abarcam periferias, periferias abarcam centros. Ao colocar-se numa posição inferior ou superior, produz-se uma identidade que ensinará expectativas e induzirá a práticas centralizadoras ou periféricas (Neves, 2020).

### **DINÂMICA CENTRO-PERIFERIA NA VISÃO DOS ENTREVISTADOS**

O percurso teórico traçado acima serve de baliza para análise das entrevistas realizadas com gestores e bolsistas envolvidos com o CAPES-PrInt, auxiliando a pensarmos se as dinâmicas de centralização e periferização científica direcionam o programa a reproduzir, em suas práticas e intenções, vieses de internacionalização hierarquizada.

Lançando olhar sobre as transcrições dos depoimentos orais, percebe-se a existência de certas temáticas e conteúdos gerais que se repetem ao longo das entrevistas, evidenciando padrões compartilhados de expectativas, desafios e ganhos do CAPES-PrInt entre as universidades. As questões voltam-se para desafios estruturais enfrentados pelo programa, como: dificuldades linguísticas de bolsistas e professores estrangeiros e nacionais; dificuldades relacionadas à relação institucional/burocrática com a CAPES, devido a mudanças de diretrizes e de gestão do órgão inscritas num cenário político adverso ao fomento da ciência e tecnologia de 2018 a 2022; dificuldades relacionadas à pandemia da Covid-19, que afetou o planejamento institucional de internacionalização, em especial aquele relativo à mobilidade internacional; dificuldades que cada universidade enfrentou internamente relacionadas à melhor maneira de planejar, executar e coordenar projetos, eixos temáticos e divisão das modalidades de bolsas.

Estas questões envolvem trâmites e arranjos institucionais do CAPES-PrInt, que podem ser analisadas à luz das técnicas da gestão pública<sup>2</sup>, mas fogem do escopo proposto da presente pesquisa, que se atenta para as articulações de discursos que indicam práticas hierarquizantes de internacionalização. A perspectiva dos entrevistados sobre a importância da mobilidade acadêmica e contato com redes de pesquisa do exterior segue argumentações padrões e oficiais, uma espécie de discurso comum compartilhado pela comunidade científica (o que Bourdieu chamaria de senso comum douto):

A internacionalização passa a ser fundamental, porque ela é um veículo de promoção da disseminação do conhecimento. Ela é um componente importante do processo de produção em parceria do conhecimento, porque, como disse, a produção do conhecimento científico é raramente individualizada, embora seja mais comum nas ciências sociais e humanas do que exatas, cada vez mais constituem processos coletivos, em parcerias, e isso tem enormes ganhos de qualidade, na medida que nós inserimos atores, coautores, autores que militam em diferentes regiões do mundo e que trazem, portanto, recortes variados para as temáticas das pesquisas. Vejo, então, como muito imbricados os processos de produção de conhecimento científico e internacionalização (Entrevistado K, comitê gestor UNB).

A importância da gente ter instrumentos de fomento para promover o intercâmbio entre cientistas de todas as partes me parece que tem uma relevância muito grande, para a gente poder apoiar a execução da ciência na sua dimensão colaborativa, seja com quem for e em que país estiver situado. É inerente à ciência o trabalho de cooperação e colaboração. (Entrevistado P, comitê gestor UFSC).

Mesmo que sejam pesquisas, às vezes, com um recorte muito local, ou com uma situação muito peculiar, mas de fato, por mais peculiar que seja, por mais local que seja, a gente sempre vai ter ali aspectos básicos da ciência, que são universais e que toda a comunidade científica aprecia. A palavra colaborativo, ele se dando nos dois sentidos, eu não estou me referindo simplesmente a mobilidade, a compartilhar projetos numa direção ou coisa desse tipo não, é uma forma dos nossos grupos de pesquisa, se associarem com grupos de pesquisa do mundo inteiro, e participarem ativamente dessa rede, tanto consumindo, quanto, vamos dizer assim, fornecendo, ideias, conceitos (Entrevistado J, comitê gestor UFC).

Nesta perspectiva, a ciência é uma atividade que ganha dimensão inerentemente cooperativa, residindo na contribuição de diferentes localidades e suas metodologias, técnicas e epistemologias sua força motriz, garantidora da qualidade e universalidade científica. As falas acima alimentam o discurso positivamente valorativo que os cientistas têm e fazem sobre seu ofício. A cooperação aproxima o local do universal, universal visto como essência básica da ciência. A produção científica, ao ultrapassar fronteiras nacionais e atingir status universal, descontextualiza as circunstâncias e contingências das produções locais, e invisibiliza os processos de disputa locais entre dominantes e dominados no campo científico.

Não podemos negar, evidentemente, a existência de projetos de pesquisas internacionais que tenham certa horizontalidade na divisão do trabalho e reconhecimento posterior. O ponto que esta pesquisa tenta permear é outro: a hierarquização subjetiva presente na internacionalização deve ser procurada nas comparações, ou seja, na relação centro-periferia, na percepção valorativa sobre o que é produzido nacionalmente em relação ao que é produzido internacionalmente. Assim, internacionalização assimétrica opera enquanto "(...) princípio latente nas formas de se auto-observar da periferia do sistema mundial de ciência e tecnologia e condiciona suas formas de reprodução, portanto" (Neves, 2009, p. 234).

Tomada como crença compartilhada e princípio universal, internacionalização aparece enquanto sinônimo de cooperação simétrica neutra, impessoal e objetiva em prol do bem comum. Para Knorr-Cetina (1981), os produtos da ciência só podem ser compreendidos a partir da sua construção contextual específica e contingente, construções estas que são marcadas pela estrutura de interesses do processo pelo qual são geradas. É preciso consenso e

formação coletiva de opinião, mas também a solidificação dos resultados via laboratório.

A sensação de falta, caracterizada por Mariana Ferreira (2019) como um aspecto central na hierarquização internacionalizada da produção científica, pode se mostrar de maneira diversa. No trecho destacado abaixo de uma entrevista, essa sensação liga-se à noção de que nos centros há uma fluida conexão entre pesquisa e economia, que condiciona a existência de um “material humano diferente”, empreendedor e conectado às constantes inovações:

Quando a gente vai pro exterior, a gente enxerga hoje que as diferenças tecnológicas dentro dos laboratórios, elas não são grandes. Se eu for comparar o meu laboratório com o laboratório da Califórnia há um ano e meio atrás, é praticamente igual. Mas o material humano é diferente. Não que eles sejam mais espertos, mas eles são assim, mais diversos, eles tem um foco voltado para essa economia mundial, que nós, parece que estamos atrasados para olhar isso. A Califórnia quando eu cheguei lá, os caras que estavam terminando doutorado, todo mundo falando “não, que eu tenho uma reunião com um investidor tal...”, “tenho reunião com outro investidor, porque a gente vai discutir isso...”, “uai, você não tá procurando emprego não?” “Sim, eu to criando uma empresa”. Então a Califórnia já tem isso do empreendedorismo... Google, Facebook, tá tudo lá, então isso já criou esse ambiente. Nós estamos aqui patinando no empreendedorismo, e o empreendedorismo é o mundo atual”. (Entrevistado A, comitê gestor UFV).

Esta fala indica que por mais que haja certo distanciamento tecnológico, o elemento que estratifica e distingue centro e periferia volta-se não exclusivamente à primazia e concentração dos materiais disponíveis nos laboratórios, mas sim certo espírito dinamizador, empreendedor. Quando a “periferia” sana as diferenças estruturais e tecnológicas em relação ao “centro”, são criados outros critérios de hierarquização que impedem a “periferia” de se igualar ao “centro”. No caso da fala acima, atribui-se ao contexto periférico, a precária relação entre ciência e tecnologia e o todo social. Ocorre uma avaliação em torno da ausência de relação profícua entre grandes setores da economia e o aparato científico, com a falta de participação de empresas e setores privados na configuração da demanda e produção de conhecimento, tornando-os apartados entre si. Na fala, esta “falha” está relacionada a ausência do valor do empreendedorismo entre os pesquisadores.

A dimensão centro-periferia enquanto valor flutuante também apareceu nas entrevistas, com o entendimento de que uma das características da ciência produzida nos centros implica em constante movimentação, seja de pessoas, tecnologias, recursos e conhecimentos:

Então por exemplo eu tive um projeto de colaboração bilateral com um grupo na Argentina, que eu diria para vocês que a gente estava mais ou menos no mesmo nível e eu tive durante muitos anos, até tenho contato hoje em dia com um grupo em Cuba, que é o contrário, se a gente tem carências aqui, eles tem muito mais lá, né, embora o pessoal seja muito bom assim, a formação deles é excelente, mas eles têm dificuldades enormes de trabalhar, então foi o contrário. Inclusive o fluxo de estudantes e pesquisadores foi no sentido contrário, quando eu colaborava com o meu colega francês os meus alunos iam para lá, ninguém vinha para cá, ele vinha, mas os estudantes não, em Cuba foi o contrário, a gente recebeu vários estudantes, ninguém foi para lá (Entrevistado B, comitê gestor UFV).

“Ninguém foi para lá” e “ninguém vinha para cá” sinalizam a percepção de como os fluxos de pesquisadores se conectam às desigualdades inscritas internacionalmente no âmbito da produção científica, sem sentido e dinâmica fixos em termos de centro/periferia. Em termos comparativos, Brasil é centro em relação à Cuba e Cuba periferia em relação ao Brasil, pois, em processos de interação acadêmica, o cenário brasileiro é aquele que atrai mais pesquisadores. A mesma dinâmica geral de experiência é sentida pelo entrevistado, agora em termos trocados: o Brasil posiciona-se periféricamente em relação à França, estando sujeito mais ao envio do que ao recebimento de pesquisadores. Segundo Morosini et. al. (2024), a ida de pesquisadores do Brasil para o exterior foi a estratégia mais executada para reforçar as redes de colaboração nas ações das instituições vinculadas ao CAPES-PrInt, sendo a atração de pesquisadores internacionais para o país, a segunda estratégia.

As métricas e formas de avaliação do conhecimento científico figuram enquanto mecanismos cuja finalidade é organizar e unificar a ciência a partir de critérios lidos como objetivos e justos para classificar o grau de relevância da produção acadêmica global. Essas técnicas dizem ser neutras, mas, pelo contrário, ao serem implementadas, são capazes de reorganizar politicamente todo aparato institucional da ciência bem como as práticas e expectativas dos cientistas (Carlotto, 2014).

A internacionalização tem influência muito positiva, né? Acho que pode deduzir que isso tem muito a ver, naturalmente, com diferentes perspectivas científicas, de diferentes grupos que passam a atuar de forma conjunta, e evidentemente não há porque não se reconhecer que ao se fazer parceria com grupos, universidades, digamos que estão aí na lista. Vamos aí das 100 melhores do mundo, naturalmente há um aprendizado de melhores práticas, de temáticas atuais e isso puxa o nível das pesquisas, o próprio nível de auto cobrança dos docentes por estarem lidando com pares de alta reputação né. Então o efeito global é muito positivo. Eu acho que, salvo engano, já há alguns artigos nessa mesma bibliométrica né, mostrando até de forma geral que quando há publicação entre brasileiro e um parceiro estrangeiro essa publicação tem uma média de citações mais alta (Entrevistado I, comitê gestor UFC).

Um dos desafios enfrentados pelos atores do PrInt refere-se às clivagens internas que ocorrem entre grupos de pesquisadores nas universidades, dadas as dinâmicas de prestígio envolvidas em internacionalizar-se. Se a mobilidade acadêmica é centrada na busca pelos centros como referenciais, com o fluxo pessoal de origens menos prestigiadas para locais mais prestigiados, resulta-se que estes últimos acumulam mais reconhecimento, e, de quebra, aumentam o reconhecimento de grupos e pessoas que tiveram contato com estes centros. Como aponta Morosini et al. (2023) ao centralizar um seleto grupo de instituições no Programa CAPES PrInt, com o objetivo de fomentar a institucionalização do processo de internacionalização em IES que têm o processo já consolidado, “a CAPES deixou de adotar ações e programas complementares que efetivamente constituíssem uma política pública voltada à consolidação desse processo em todo o sistema brasileiro de Educação Superior” (Morosini, 2023, p 21).

Essa tese encontra forte amparo nos escritos de Rosa et al. (2021) que aponta que “das 36 instituições contempladas, 20 estão localizadas na região sudeste, ou seja, 55,55% das instituições contempladas pertencem à região de maior desenvolvimento econômico do Brasil e com maior número de instituições bem avaliadas pela CAPES” (Rosa et al. 2021, p 65). Essa concentração regional

reforça desigualdades históricas na distribuição de recursos e oportunidades, ao mesmo tempo em que consolida uma hierarquia tácita sobre quem é visto como parceiro legítimo nos processos de internacionalização. O resultado é um sistema que tende a reconhecer sempre os mesmos atores e a reproduzir círculos de excelência já estabelecidos, limitando a entrada de instituições com menor tradição de internacionalização. Essa dinâmica estrutural aparece de forma concreta na experiência dos próprios gestores, como expressa na fala a seguir:

Então a gente dizia assim: olha, se está todo mundo na rede e nós vamos só potencializar, ótimo, tem um mérito e a gente gosta desse mérito. Agora, se eu tenho a mesma situação, de que tem, pontos da rede que já funcionam, mas eu estou tentando agrupar um outro hub aqui que a gente nunca colaborou mas que tem uma potencialidade dentro desse tema, e esse grupo é um grupo capacitado, esse projeto ganha um pouquinho daquele outro, porque essa era a ideia de você equilibrar, e assim da coisa não ir só, do rio não ir só pro mar, como o pessoal fala, ou seja, porque se você usar muito esse conceito de que é o que já existe, vai beneficiar o grupo que já está bem. (Entrevistado J, comitê gestor UFC).

Eu acho que a gente ser mais conhecido é bom para a gente, porque ajuda a ter mais oportunidades dos nossos estudantes interagirem, de outros virem para cá, ou oportunidade de financiamento. No contexto atual então, são mais importantes do que nunca. Se a gente não é conhecido, a gente fica muito limitado neste sentido. Fora do Brasil então nem se fala. (Entrevistado B, comitê gestor UFV).

O par prestígio/não prestígio como diferenciador no sistema científico aparece também na experiência de bolsistas oriundos de contextos periféricos, ao evocar questões sobre quem tem status, reconhecimento e autoridade.

Porque eu fiquei, no começo, muito receoso. No começo, eu entrei no site do grupo de pesquisa, eu vi o volume e intensidade de publicação deles e fiquei “Nossa, será que eu vou conseguir, se eu estou a par desse grupo de pesquisa?” Eu fiquei bem assim, eu tinha para mim, nossa, que medo do professor pedir para eu fazer alguma coisa e eu não der conta, eu não saber do que ele tá falando, porque ele é f\*\*\* demais e tal. Fiquei com esse medo. (Entrevistado G, ex-bolsista CAPES-PrInt).

A sensação de insegurança de corresponder e estar à altura dos grupos de pesquisas centrais, acompanhar o padrão de “volume e intensidade de publicações”, captar as demandas e procedimentos alheios, bem como compreender a linha que sustenta as práticas laboratoriais reflete a dinâmica de periferização subjetiva na prática científica. Quando da chegada aos centros, a legitimação do conhecimento produzido passa pela comparação espelhada por outro supostamente mais válido, universal e verdadeiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que, embora o programa CAPES-PrInt tenha promovido avanços significativos na internacionalização da ciência no Brasil, ele também revela limitações estruturais que perpetuam as desigualdades entre centros e periferias acadêmicas. Ao priorizar instituições com maior histórico de internacionalização, o programa acaba reforçando um ciclo de exclusão — o que denominamos acima de Efeito Mateus geopolítico no âmbito

da produção do conhecimento científico — que dificulta a participação ativa de universidades periféricas no cenário global de produção científica. Isso levanta a necessidade de repensar as estratégias de internacionalização, de modo a não apenas promover a mobilidade acadêmica, mas também estabelecer parcerias mais equilibradas, com ênfase na colaboração Sul-Sul, valorizando as produções científicas locais e descentralizando o prestígio atribuído a priori aos centros de excelência tradicionais.

A visão e a expectativa dos atores envolvidos no CAPES-PrInt bifurcam-se em dois polos de tensionamento. De um lado, assume-se no discurso e documentação oficial-institucional a compreensão da internacionalização da ciência enquanto mecanismo de cooperação mútua e compartilhamento de conhecimentos, não levando em conta contextualidades de produção. Por outro lado, percebe-se a estratificação centro-periferia, com o entendimento de que os centros são locais de excelência, produtividade, empreendedorismo, circulação efervescente de pessoas, ideias, tecnologias e descobertas.

Ao privilegiar países dos grandes centros<sup>3</sup>, leia-se Europa e Estados Unidos, o programa CAPES-PrInt reafirma e reforça dinâmicas hierárquicas de internacionalização ao estabelecer os centros, países do Norte global, como modelo de ciência, com suas técnicas, procedimentos, epistemologias, métodos e teorias muitas vezes aplicadas sem a devida mediação com os contextos locais de produção científica e tecnológica. A análise das universidades deste estudo mostrou que alguns comitês gestores dos programas institucionais deliberaram por ser mais restritivos na alocação de recursos, estabelecendo listas de possíveis países parceiros institucionais, outros atenderam às sugestões de programas e projetos, mantendo a lista de países em aberto (Alves; Mourão, 2024).

Uma maneira de reduzir o imaginário de atraso e irrelevância, motivador da busca em espelhar-se aos centros, consiste em operacionalizar estratégias de internacionalização Sul-Sul, admitindo-se que as dinâmicas de centros e periferias também operam nestas formas de cooperação. Ou seja, deslocar a mobilidade acadêmica para o Norte não implica em construir automaticamente redes simétricas de cooperação com países igualmente periféricos, afinal a divisão centro-periferia perpassa demarcações territoriais.

O CAPES-PrInt pode e deve não apenas estimular, mas concretizar de fato, cooperações mais intensas e frutíferas com países da América Latina, África e Ásia, articulando pluralidade de contribuições científicas e necessidades locais e específicas aos contextos locais de produção de conhecimento. Tal empreendimento ajudaria nos primeiros passos para romper com as hierarquias cognitivas que perpassam o cenário acadêmico brasileiro, em sua tendência de ir aos “centros” para aprender e atingir excelência.

Superar as práticas de subalternização e irrelevância também implica reavaliar as métricas de mensuração do conhecimento, em sua maioria estabelecidas pelos países do Norte global e que favorecem estes. Há certo descompasso sentido por atores do CAPES-PrInt — pois algo impregnado na ciência brasileira — de que é preciso inserir-se no mundo global da ciência e atender às suas regras de produção, validação e circulação, aplicando-as num contexto adverso e alheio. Uma pesquisa futura poderia investigar como o processo de centralização das tradições e denominações dos grupos internacionalizados contribui para a consolidação das desigualdades internas nos departamentos e instituições periféricas, reforçando a hierarquia entre 'centros' e 'periferias'.

## CAPES-PrInt Program: an analysis of the center-periphery dynamics in scientific production

### ABSTRACT

Established in 2017, the CAPES-PrInt program seeks to build networks and partnerships between Brazilian and foreign universities for institutional strengthening of the internationalization of Brazilian science. The objective of this article is to present the evaluative and institutional perspectives of actors involved with PrInt, members or former members of university management committees, in a total of eight interviewees. An interview was also carried out with two former CAPES scholarship holders and documents about the program were collected. The research concluded that internationalization is seen as a mechanism for mutual cooperation and knowledge sharing, with greater gains for teams considered peripheral in terms of their contact as the “centers”. In the center-periphery stratification, centers are seen as places of excellence, productivity, entrepreneurship, effervescent circulation of people, technologies and discoveries.

**KEYWORDS:** Sociology of Science. Internationalization of Science. CAPES-PrInt Program. Science, Technology and Society.

## NOTAS

1. O entendimento da importância em participar da mobilidade internacional, atraindo quadros estrangeiros e enviando pesquisadores ao exterior para formação, é uma tendência que perpassa a CAPES desde sua fundação, na década de 1950 (OLIVEIRA, 2019). Entretanto, fato fundamental para a reformulação dessa estratégia institucional foi a promulgação do Decreto nº 6.316, de 20 de dezembro de 2007, que instituiu a Diretoria de Relações Internacionais, responsável por organizar, fomentar e supervisionar os esforços de internacionalização do ensino superior.

2. Para mais detalhes, ver: MACCARI, Emerson Antonio; PENHA, Renato; SAMPAIO CASTRO DE OLIVEIRA, Milton. **Contribuições das práticas adaptativas de gerenciamento de projetos aplicadas em autarquia pública: o caso do sistema do Plano de Trabalho para Internacionalização (PTI) da CAPES.**

3. Conforme consta no relatório de gestão da CAPES do ano de 2022, os países estrangeiros contemplados com maior número de bolsas do CAPES-PrInt foram: Estados Unidos (623 bolsas), Reino Unido (258 bolsas), Espanha (204 bolsas), França (199 bolsas), Portugal (188 bolsas), Canadá (153 bolsas), Alemanha (134 bolsas), Itália (105 bolsas). Países da América Latina figuram com baixos números de envio ao exterior, como Argentina (21 bolsas) e México (17 bolsas).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos financiamentos recebidos por este projeto.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela Alves de. e BAUMGARTEN, Maíra. Livro, periódico e conhecimento científico: questões sobre avaliação e política no Brasil. In: BAUMGARTEN, Maíra e GUIVANT, Julia. **Caminhos da ciência e tecnologia no Brasil: políticas públicas, pesquisas e redes.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021.

ALVES, Daniela Alves de; MOURÃO, Victor Luis Alves. Práticas locais de internacionalização: gestão financeira e sociopolítica do programa Capes-PrInt. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.,** Salvador, v. 33, n. 73, p. 91-107, jan./mar. 2024.

AMSLER, Sarah S. e BOLSMANN, Chris. **University ranking as social exclusion.** British Journal of Sociology of Education, 33:2, 283-301, 2012.

BLOOR, David. **Conhecimento e imaginário social.** São Paulo: Editora EDUNESP, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Unesp, 2004.

CALKINS, Sandra. **Between the Lab and the Field: Plants and the Affective Atmospheres of Southern Science**. *Science, Technology, & Human Values*, p. 243–271, 2021.

CARLOTTO, Maria Caraméz. **Universitas semper reformanda? A história da Universidade de São Paulo e o discurso da gestão à luz da estrutura social**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DASGUPTA, Deepanwita. **Scientific Practice in the Contexts of Peripheral Science: C. V. Raman and His Construction of a Mechanical Violin-Player**. *Perspectives on Science*, v. 24, n. 4, p. 381-395, 2016.

FERREIRA, Mariana Toledo. **Periferia pensada em termos de falta: uma análise do campo da genética humana e médica**. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 21, n. 50, p. 80-115, jan-abr, 2019.

HOUNTONDJI, Paulin. **Scientific Dependence in Africa Today**. *Research in African Literatures*, v. 21, n. 3, p. 5-15, 1990.

KEIM, Wiebke. **Pour un modèle centre-périphérie dans les sciences sociales**. *Aspects problématiques des relations internationales en sciences sociales*. v. 4, n. 3, p. 570-598, 2010.

KNORR-CETINA, Karin. **The Manufacture of Knowledge: An Essay on the Constructivist and Contextual Nature of Science**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

LEÃO, Bruno Layson Ferreira; NOGUEIRA, Fabiana Araujo; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: o programa CAPES-Print. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 33, n. 73, p. 91-107, jan./mar. 2024.

MACCARI, Emerson Antonio; PENHA, Renato; SAMPAIO CASTRO DE OLIVEIRA, Milton. **Contribuições das práticas adaptativas de gerenciamento de projetos aplicadas em autarquia pública: o caso do sistema do Plano de Trabalho para Internacionalização (PTI) da CAPES**. *Revista Inovação, Projetos e Tecnologias, [S. l.]*, v. 11, n. 1, p. 17, 2023.

MEDINA, Leandro Rodriguez. **Centers and Peripheries in Knowledge Production**. New York: Routledge, 2013a.

MEDINA, Leandro Rodriguez. **Objetos subordinantes: la tecnología epistémica para producir centros y periferias**. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 75, n. 1, p. 7-28, 2013b.

MERTON, Robert. **Ensaios de sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013.

MOROSINI, Marília Costa (Org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 265 p.

MOROSINI, Marília Costa; WOICOLESCO, Vanessa. Gabrielle.; MARCELINO, Jocélia Martins; HATSEK, David Jorge Rodrigues. Internationalization strategies of Brazilian universities participating in the Capes PrInt Program. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 31, 2023. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/7886>. Acesso em: 11 dez. 2025.

MOROSINI, Marília Costa et. al. A internacionalização da educação superior no Brasil: o programa CAPES-PrInt e a cooperação acadêmica internacional. **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 13, n. 2, p. 1-18, mai./ago. 2024.

NEVES, Fabrício Monteiro. **A contextualização da verdade ou como a ciência torna-se periférica**. Civitas - Revista de Ciências Sociais [online], v. 14, n. 3, p. 556-574, 2014.

NEVES, Fabrício Monteiro. **Bíos e Techné: estudo sobre a construção do sistema de biotecnologia periférico**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 347, 2009.

NEVES, Fabrício Monteiro. **A periferação da ciência e os elementos do regime de administração da irrelevância**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online], v. 35, n. 104, p. 19, 2020.

OLIVEIRA, Cyntia Sandes. **A internacionalização do ensino superior no Brasil por meio da ação da Capes: a cocriação do programa Capes-PrInt**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília. Brasília, p. 233, 2019.

PREMEBIDA, Adriano; NEVES, Fabrício Monteiro e ALMEIDA, Jalcione. **Estudos sociais em ciência e tecnologia e suas distintas abordagens**. Sociologias, v. 13, n. 26, p. 22-42, 2011.

ROSA, Cesariano da; STALLIVIERI, Cristyane; LOPEZ DALMAU, Luciane; TOSTA, Kelly Cristina Benetti Tonani; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. O perfil dos gestores do Programa de Internacionalização (CAPES-PrInt). **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, v. 5, n. 3, p. 47-69, set./dez. 2021.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: MCT/CEE, 2001.

**Recebido:** 26/08/2024  
**Aprovado:** 05/02/2026  
**DOI:** 10.3895/rts.v22n68.19022

**Como citar:**

ALVES, Daniela Alves; RODRIGUES, Thiago Henrique; JUNIOR, Enilson Mitunaga; MOURÃO, Victor Luiz Alves. Programa CAPES-Print: uma análise da dinâmica centro-periferia na produção científica. *Rev. Technol. Soc.*, Curitiba, v. 22, n. 68, p.231-247, jan./mar, 2026. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/19022>

Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

